



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E FISIOTERAPIA  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**Gabryella Maria de Avelar Vieira**

**MULHERES EM CARGOS TÉCNICOS NO VOLEIBOL PROFISSIONAL: produção  
do conhecimento em periódicos da Educação Física**

**Uberlândia  
2023**

GABRYELLA MARIA DE AVELAR VIEIRA

**MULHERES EM CARGOS TÉCNICOS NO VOLEIBOL PROFISSIONAL: produção  
do conhecimento em periódicos da Educação Física**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Faculdade de Educação Física e Fisioterapia, da  
Universidade Federal de Uberlândia, como  
requisito parcial para obtenção do título de  
licenciada em Educação Física, sob orientação  
da profa. Dra. Aline da Silva Nicolino.

**Uberlândia**

**2023**

GABRYELLA MARIA DE AVELAR VIEIRA

**MULHERES EM CARGOS TÉCNICOS NO VOLEIBOL PROFISSIONAL: produção  
do conhecimento em periódicos da Educação Física**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Faculdade de Educação Física e Fisioterapia, da  
Universidade Federal de Uberlândia, como  
requisito parcial para obtenção do título de  
licenciada em Educação Física, sob orientação  
da profa. Dra. Aline da Silva Nicolino.

Uberlândia, 2023

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Gabriela Machado Ribeiro

Professora (UFU)

Profa. Dra. Sônia Bertoni

Professora (UFU)

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus pela oportunidade de chegar aqui e me proporcionar forças para seguir em frente sempre.

Agradeço a professora e amiga Aline da Silva Nicolino o incentivo, motivação e orientação nesta caminhada acadêmica.

Agradeço a minha noiva e amiga por me auxiliar em tudo que foi necessário para a conclusão dessa pesquisa.

Aos meus familiares que me ajudaram a persistir nesse sonho, fazendo com que eu não desistisse.

Aos colegas e amigos, que estiveram do meu lado em todos os momentos e me apoiando no que era necessário.

Agradeço a todos os/as professores/as da FAEFI (faculdade de educação física e fisioterapia), por todo o ensinamento transmitido.

Agradeço também, ao coordenador do curso de licenciatura, Sérgio Inácio Nunes, pelo trabalho incrível que exerce.

E reforço que sem essas pessoas nada seria possível, todos/as me ajudaram em cada detalhe. Me sinto honrada por essas pessoas fazerem parte da minha caminhada acadêmica, em uma universidade pública que poucos tem esse privilégio que eu tive.

## RESUMO

O interesse em investigar sobre o tema surgiu da minha experiência e vivência que as mulheres estão presentes nos jogos, mas como jogadoras ou na arquibancada. Diante dessa realidade, que não é pontual, mas nacional, este estudo busca conhecer, por meio da produção acadêmica da Educação Física, o que os trabalhos trazem sobre essa não ocupação das mulheres em cargos de liderança no voleibol profissional. A partir de pesquisa do tipo descritiva, valendo-se da abordagem qualitativa, foi realizado buscas em periódicos da Educação Física com Qualis CAPES no quadriênio 2013-2016 (A2-B3), por meio dos descritores voleibol, treinadoras e técnicas. Ao todo, foram encontradas 219 produções que abarcavam os termos, contudo, somente três (3) trabalhos entraram para a amostra de análise, por tratar sobre mulheres ocupando cargos de liderança no voleibol profissional. São eles: FERREIRA, Heidi. et al (2017), ROMARIZ, Sandra. B.; VOTRE, Sebastião. J.; MOURÃO, Ludmila e MOURÃO, Ludmila. et al. (2015). A análise dos textos mostra que as maiores dificuldades enfrentadas pelas mulheres em ocupar esses cargos estão relacionadas aos preconceitos sofridos, como a desigualdade salarial, a falta de oportunidade para ocupar esses cargos e as questões de gênero, como ter que conciliar a vida pessoal com a falta de profissionalização no esporte, impossibilitando que a maior parte das mulheres permaneçam nessa profissão.

**Palavras-chave:** Ausência; Gênero; Treinadoras.

## **ABSTRACT**

The interest in investigating the topic arose from my experience and experience that women are present at games, but as players or in the stands. Faced with this reality, which is not specific, but national, this study seeks to understand, through the academic production of Physical Education, what the works bring about this non-occupation of women in leadership positions in professional volleyball. Based on descriptive research, using a qualitative approach, searches were carried out in Physical Education journals with Qualis CAPES in the four-year period 2013-2016 (A2-B3), using the descriptors volleyball, coaches and techniques. In total, 219 productions were found that covered the terms, however, only three (3) works were included in the analysis sample, as they dealt with women occupying leadership positions in professional volleyball. They are: FERREIRA, Heidi. et al (2017), ROMARIZ, Sandra. B.; VOTE, Sebastião. J.; MOURÃO, Ludmila and MOURÃO, Ludmila. et al. (2015). The analysis of the texts shows that the greatest difficulties faced by women in occupying these positions are related to the prejudices suffered, such as salary inequality, the lack of opportunity to occupy these positions and gender issues, such as having to reconcile personal life with work. lack of professionalization in sport, making it impossible for most women to remain in this profession.

**Key words:** Absence; gender; trainers.

## SUMÁRIO

|                                                                                                     |           |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1 Introdução .....</b>                                                                           | <b>8</b>  |
| <b>Objetivos.....</b>                                                                               | <b>10</b> |
| <b>2. Procedimentos Metodológicos.....</b>                                                          | <b>11</b> |
| <b>3. Apresentação e Análise das Pesquisadas realizadas nos Periódicos da Educação Física .....</b> | <b>14</b> |
| <b>4. Considerações finais .....</b>                                                                | <b>19</b> |
| <b>Referências .....</b>                                                                            | <b>20</b> |

## 1. INTRODUÇÃO

Estou nesse esporte desde meus 8 anos de idade voleibol nas escolinhas disponibilizadas pela prefeitura, em que os treinos são realizados em quadras da cidade, do interior de Minas Gerais, Monte Carmelo, com 48.049 mil habitantes (IBGE, 2021).

No segundo semestre de 2019, entrei para a faculdade através do vestibular no curso de graduação em Educação Física, de uma universidade pública, e vim estudar em Uberlândia/MG, cidade que fica localizada a 100 Km de distância da minha cidade natal. Enquanto estudante, em formação docente, pude melhor identificar e aumentar o meu estranhamento sobre a ausência de treinadoras em times de voleibol, mesmo em categorias de base. Durante 14 anos de vivência no voleibol, praticando desde os meus 8 anos de idade, nunca fui treinada por uma mulher, apenas treinadores homens, e durante todas as viagens que fiz para jogar fora da minha cidade natal, não encontrava em outros times treinadoras mulheres.

É possível verificar as mulheres participando do voleibol profissional, enquanto jogadoras, torcendo na arquibancada ou dentro de quadra, atuando como gandula (entregando bola para as jogadoras), mas raramente enquanto treinadoras e/ou compondo a equipe técnica nos times de voleibol profissional.

Nesse sentido, é preciso descrever que Uberlândia tem um time profissional de grande destaque no voleibol de mulheres profissional brasileiro, o Praia Clube.

O Praia Clube, é um dos principais times da federação brasileira de voleibol de mulheres. De acordo com o site do clube<sup>1</sup>, o time foi campeão oito vezes no campeonato Mineiro (2006, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2019 e 2021), quatro vezes na Supercopa Brasileira (2018, 2019, 2020 e 2021) duas vezes na Liga Nacional (2008 e 2010), uma vez na Super Liga Brasileira (2017/18), uma vez no campeonato Sul-Americano (2021). No primeiro semestre de 2023, ganhou a Superliga e o Campeonato Sul-Americano de Clubes e a equipe técnica é formada por: técnico, supervisor, assistente técnico, auxiliar técnico, preparador físico, estatístico, auxiliar de quadra e médico, em que todos são homens, apenas uma mulher atuando como fisioterapeuta. Identifico, que apesar de possuir tantos títulos, de ter tradição na cidade, possuir várias equipes de base à master, que ainda não há mulheres liderando o time e/ou a comissão técnica. Apesar de já ter passado pelo praia clube uma treinadora de grande destaque que é a Mirtes sendo treinadora na equipe de base por muitos anos.

---

<sup>1</sup> Informações acessadas em maio de 2023, disponíveis no site do Praia Clube:  
<https://praiaclube.org.br/dentilpraia-clube/>

Observo, portanto, a ausência de mulheres ocupando cargos de treinadoras e a pouca participação em equipes técnicas, assim como em cargos de liderança nas federações esportivas. Essa falta é o que esta pesquisa busca conhecer. Isto é, esse incomodo da ausência de mulheres em cargos de liderança nos esportes, em geral, é que me fez questionar: por que elas não estão ocupando cargos de liderança no voleibol profissional - já que são competentes, vitoriosas e em grande número? Essa pergunta visa problematizar e conhecer quais são as dificuldades enfrentadas pelas mulheres em ocupar e se manter em cargos de liderança no esporte de alto rendimento no Brasil.

Diante da hipótese levantada, qual seja, de que as mulheres não estão ocupando cargos de liderança em esportes de alto rendimento, independentemente se são times de homens ou de mulheres ou esteja em Minas Gerais ou em outro estado, esta pesquisa se justifica academicamente pela ausência de estudos sobre esse assunto, como pode ser observado em um breve levantamento sobre a participação das mulheres em cargos técnicos no voleibol profissional. Inicialmente, realizei buscas aleatórias lançando o descritor “o percurso de mulheres técnicas”. Encontrei uma dissertação, escrita por Heidi Jancer Ferreira, intitulada *O percurso de mulheres como técnicas esportivas no Brasil*, publicizada em 2012, realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação Física, da Universidade Federal de Viçosa. A pesquisa questiona o porquê as mulheres não ocupam cargos de técnicas, no sentido de conhecer as barreiras que as impedem de ocupar esses cargos, fazendo um levantamento da quantidade de mulheres como técnicas no Brasil.

Dias depois, lancei novamente, “mulheres em cargos técnicos”, apareceu uma reportagem da revista intercontinental de Gestão Desportiva, desenvolvida em 2021 por Cacilda Mendes dos Santos Amaral, *et al.* com o título *As Mulheres em Modalidades Esportivas Coletivas: um panorama dos cargos técnicos e de gestão nas Confederações Brasileiras*. Neste estudo, foram coletados dados referentes a ocupação de mulheres nos cargos, identificando 110 posições nas comissões técnicas de todas as modalidades esportivas, sendo 23 delas ocupadas por mulheres, o que corresponde a 20%, 43 cargos na comissão técnica, sendo 13 ocupados por mulheres.

Continuando as buscas optei por simplificar os descritores lancei o descritor “mulheres treinadoras”, em que apareceram 2 artigos. O primeiro foi desenvolvido por Heidi Jancer Ferreira, José Geraldo do Carmo Salles e Ludmila Mourão, intitulado: *Inserção e permanência de mulheres como treinadoras esportivas no Brasil*, publicizado em 2014, em que traz as estratégias utilizadas por 13 treinadoras de oito modalidades esportivas, para sua inserção e

permanência no cargo, e chegou-se à conclusão de que a grande barreira enfrentada pelas técnicas foi a falta de oportunidade. O segundo artigo, escrito por Evelyn Wolf, *De jogadoras a treinadoras: mulheres rompendo o teto de vidro* (2017), foram utilizados entrevistas e depoimentos de ex-atletas no mercado de trabalho, visando analisar aspectos da transição de mulheres como jogadoras para treinadoras, o mesmo é feito com treinadoras da modalidade futebol.

Já ao lançar “mulheres técnicas”, no dia 24 de outubro de 2022, apareceu um artigo *Sob comando delas: as barreiras para mulheres técnicas nas equipes olímpicas brasileiras 2020*, desenvolvido por William Douglas de Freitas e Rovilson de Almeida, apresentando os obstáculos que as mulheres enfrentam para assumir cargos de treinadoras em seleções nacionais, com a dificuldade de ocupar esses espaços e a desigualdade do processo seletivo entre homens e mulheres.

Diante de a leitura desses textos, identifiquei que as mulheres não ocupam o cargo de técnicas, não porque não querem, mas por falta de oportunidade. Silvana Goellner (2005), estudiosa pioneira no campo da Educação Física nos estudos de gênero, traz no artigo *Mulheres e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história*, que a “inserção das mulheres brasileiras no mundo do esporte data de meados do século XIX. No entanto, é a partir das primeiras décadas do século XX que a participação se amplia adquirindo, portanto, maior visibilidade (*idem*, p. 86)”.

Ao ler sobre o tema, identifica-se que apesar da inserção das mulheres no esporte ter acontecido há dois séculos, vê a desigualdade nos postos de poder, em que não conseguem acessar cargos que são delas por direito. Goellner (2005, p. 96), mostra que “o Brasil, apenas a Confederação Brasileira de Ginástica é dirigida por uma mulher: Vicélia Angela Florenzano, sendo que nas Federações Esportivas o índice não chega a 1%”. Apesar da luta das mulheres para entrada e permanência nesses lugares ser longa, ela não para, ou seja, a cada dia, as mulheres precisam lutar e se esforçar para conseguir ocupar seu espaço, principalmente de técnicas.

## **Objetivos**

### **Geral**

Analisar o que traz os periódicos da Educação Física sobre as mulheres em cargos de liderança no voleibol profissional.

### **Específico**

Identificar se as mulheres estão ou não ocupando cargos de liderança no voleibol e as justificativas encontradas.

Em casos afirmativos, verificar quais os enfrentamentos para permanecerem no cargo

### **Procedimentos Metodológicos**

A pesquisa realizada é do tipo descritiva. Nas pesquisas descritivas, normalmente, os pesquisadores possuem um vasto conhecimento do objeto de estudo, em virtude dos resultados gerados por outras pesquisas (Gil, 1999; Cervo; Bervian, 2002). Ou seja, são recolhidas informações mais detalhadas. A escolha de mulheres como técnicas na atualidade, foi por perceber que elas não ocupam esses cargos e espaços de poder. Sobre a escolha da abordagem qualitativa para esta pesquisa, se deu em virtude dela se preocupar “com a realidade que não pode ser quantificada. Ou seja, um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos” (Minayo et al., 2002, p.21-22).

Para realizar o levantamento sobre mulheres em cargos de liderança em equipes de voleibol profissional, recorri a treze (13) periódicos da Educação Física<sup>2</sup>, que publicizam, em maior parte, perspectivas sociocultural e pedagógica e que estão avaliados entre A2 e B3, no Qualis CAPES, no quadriênio 2013-2016, para saber o que a área vem publicizando sobre o tema. Para isso, foram lançados os descritores: voleibol, técnica e treinadoras. Ao lançar os três descritores, encontrei um total de 219 produções nas 13 revistas pesquisadas, que para entrar na amostra foi procurado no título, no resumo e/ou nas palavras-chave os termos consultados. Contudo, por não tratarem de assuntos relacionados as mulheres e cargos técnicos, desse total, somente seis (6) trabalhos foram selecionados para a amostra, como apresento a seguir.

Para começar as buscas nos periódicos iniciei com o descritor “voleibol”, pelo fato de o estudo estar relacionado a ausência de mulheres como técnicas nessa modalidade esportiva, encontrando 80 produções. Destas, somente três publicações tratavam do esporte e da atuação das mulheres como técnicas. Um, encontra-se na revista Movimento, intitulado “Representações de gênero no voleibol brasileiro: a imagem do teto de vidro” (2012). Outro, publicizado na revista Pensar a Prática, intitulado “Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história” (2006) e o último, publicado Caderno de Educação Física e

---

<sup>2</sup> Revistas: Movimento; Revista Brasileira de Ciência do Esporte; Motrivivência; Pensar a Prática; Motricidade; Conexões; Revista de Educação Física; Licere; Brasileira de Educação Física e Esporte; Motriz; Brasileira de Ciência e Movimento; Escola de Educação Física e Esporte.

Esporte, “Análise do perfil ideal do treinador de voleibol das seleções brasileiras juvenis” (2008). Tiveram algumas publicações que o título não foi o suficiente para saber se o estudo faria parte da amostra ou não, sendo preciso ler os resumos e, por vezes, parte do texto.

Após a busca pelo descritor “voleibol”, comecei a procurar pelo descritor “técnicas”, pensando que com esse descritor encontraria textos relacionados ao tema, aparecendo 136 trabalhos, mas de todas as revistas que procurei apenas em duas revistas, verifiquei dois textos para me auxiliar na pesquisa. Um, encontrado na revista Pensar a Prática, com o título “As (não) convocações de mulheres para cargos de liderança nas comissões técnicas no handebol brasileiro nos anos de 2014-2020” (2021). E o outro, na Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, de título “As barreiras enfrentadas por treinadoras brasileiras” (2017).

Por não ter obtido sucesso na busca pelo descritor “técnica”, recorri ao descritor “treinadora”, obtendo 3 resultados, mas, nessa busca, não consegui encontrar nenhum texto além dos que já tinha encontrado em pesquisas anteriores. Percebi, assim, a falta de trabalhos publicados na área sobre as mulheres como técnicas de times, principalmente, no voleibol.

O primeiro texto lido, foi *Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história* (2006), publicado na revista Pensar a Prática, que descreve o que a mulher pode fazer, como é vista na sociedade, sobre a missão da mulher de ser mãe, entre outros aspectos. O texto problematiza a falta de mulheres nas comissões técnicas no futebol, a diferença em questão de números de homens praticantes para mulheres praticantes, o preconceito que muitas mulheres sofrem por praticar esse esporte e o preconceito de orientação sexual para as mulheres praticantes. Um outro aspecto trabalhado no artigo, refere-se a luta das mulheres em ocupar espaços de liderança, citando o exemplo da Morre Benedicta Souza Oliveira, a primeira técnica da seleção feminina de atletismo, que começa a carreira em 1965 e em 1995 se aposentou.

O texto intitulado, *As (não)convocações de mulheres para cargos de liderança nas comissões técnicas no handebol brasileiro nos anos 2014-2020* (2021), também localizado na revista Pensar a Prática, mostra que apesar da grande participação das mulheres em cargos técnicos elas ainda constituem a minoria. Contudo, ele trata do handebol, basquete e futebol, mas esta pesquisa trata sobre o voleibol, por isso foi descartado da amostra.

O outro texto, *Análise do perfil ideal do treinador de voleibol das seleções brasileiras juvenis* (2008), publicizado no Caderno de Educação Física e Esporte, trata sobre o técnico ser o líder da equipe, ser responsável pela preparação das táticas, mas só é lembrado de forma negativa quando o time perde. Já os jogadores, são elogiados quando o time ganha. Esta

produção não traz nenhuma informação sobre as questões de gênero, sendo descartada da análise.

Ao final da leitura dos textos mapeados, identifiquei que dos seis, somente três correspondiam aos critérios estabelecidos para este estudo, que trata da participação e dos desafios enfrentados pelas mulheres em ocupar cargos de liderança no voleibol profissional, são eles: *Inserção e permanência de mulheres como treinadoras esportivas no Brasil*, *As barreiras enfrentadas por treinadoras brasileiras* e *Representações de gênero no voleibol brasileiro: a imagem do teto de vidro*.

Ao ler os trabalhos, verifiquei que três deles não correspondem aos critérios de seleção, qual seja, de tratarem sobre as questões das mulheres em cargos técnicos no voleibol profissional. Para fazer o levantamento e a interpretação das informações levantadas, recorro ao conceito de gênero para entender o porquê "no gênero, a prática social se dirige aos corpos", como diz Robert Connell (1995, p. 189). Isto é, a pesquisa busca identificar a desigualdade construída histórica e socialmente sobre a mulher, em que sofre simplesmente pelo fato de ser mulher e querer ocupar lugares que muitas vezes são vistos para homens e representados por eles. Nas palavras de Silvana Goellner (2008, p. 5):

‘Gênero’, como uma categoria analítica, é um conceito importante para perceber os processos pelos quais, no interior de redes de poder, a diferença biológica é tomada para explicar desigualdades sociais gestando, assim, formas de inclusão e exclusão de sujeitos e grupos (Goellner, 2008, p.5).

## 2. Apresentação e Análise das Pesquisadas realizadas nos Periódicos da Educação Física

Este tópico objetiva apresentar as informações levantadas nos três artigos selecionados nos periódicos da Educação Física sobre o tema, ao buscar informações que respondam ao problema de pesquisa: por que as mulheres não estão ocupando cargos de liderança no voleibol profissional? Pergunta, que visa conhecer os motivos apresentados nessas produções sobre as dificuldades enfrentadas em ocupar e se manterem nos cargos de liderança em esportes de alto rendimento no Brasil. Assim, volto meu olhar para os trabalhos, descrevendo a impressão inicial que se registra ao ler os textos selecionados, apresentando cada um deles, no quadro a seguir.

**Quadro 1.** Informações referentes ao periódico da Educação Física, autoria, título e ano do trabalho.

| PERIÓDICO            | AUTORIA/TÍTULO/ANO                                                                                                                             |
|----------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Movimento</b>     | ROMARIZ, Sandra. B.; VOTRE, Sebastião. J.; MOURÃO, Ludmila. Representações de gênero no voleibol brasileiro: a imagem do teto de vidro. (2012) |
| <b>Motrivivência</b> | MOURÃO, Ludmila. et al. Inserção e permanência de mulheres como treinadoras esportivas no Brasil. (2015)                                       |
|                      | FERREIRA, Heidi. et al. As barreiras enfrentadas por treinadoras brasileiras. (2017).                                                          |

O texto intitulado, *Representações de gênero no voleibol brasileiro: a imagem do teto de vidro* (2012), encontrada na Revista Movimento, descreve sobre as barreiras e oportunidades que as técnicas de voleibol no alto rendimento encontram em suas carreiras. Para chegar nessa conclusão, foi realizada entrevista com quatro técnicas e cinco técnicos, em que algumas técnicas dizem que o que garante a vaga de um homem técnico não garante de uma mulher técnica, que elas precisam ir além daquilo que é cobrado para os homens, ou seja, que há uma cobrança muito diferente. De acordo com Gomes (2008), trabalho citado no artigo, apenas 1,8% dos profissionais que atuam no comando de confederações brasileiras são mulheres. O trabalho traz, ainda, que a prática de alguns esportes só foi permitida em dezembro de 1979, após indeferimento do Decreto-Lei 3.199 de 1941 (Legislação Federal do Brasil), em que as mulheres eram proibidas de praticar algumas modalidades esportivas, por serem vistas como violentas, permitidas somente para homens.

Já o texto MOURÃO, Ludmila. et al. (2015), publicizado na Revista Motrivivência, traz a perspectiva de algumas treinadoras, em que trouxeram questões relacionadas as influências de gênero na profissão, no sentido da desigualdade de gênero, o texto traz que os dirigentes e técnicos veem a profissão como de atuação apenas de homens, por esse motivo na hora da

contratação eles optam por homens e não mulheres. No texto, é apresentado que as mulheres precisariam de tutor para conseguir o cargo (tutor é uma pessoa que tem o poder de tomar uma decisão para a contratação). A pesquisa foi realizada com treinadoras de esportes de alto rendimento nos Estados Unidos e apontou que as mulheres não são levadas a sério e são consideradas pelos demais técnicos como fracas e com nível inferior de conhecimento (Norman, 2010).

O outro artigo, também publicizado na Revista *Motrivivência*, intitulado *As barreiras enfrentadas por treinadoras brasileiras* (2017), desenvolvido por Heidi Jancer Ferreira, et al, traz como era a divisão do trabalho na década de 1940, momento em que às mulheres eram destinadas tarefas tidas como menos especializadas e aos homens eram atribuídos os cargos de chefia, pensando que o trabalho da mulher teria que ser algo que não prejudicasse na dedicação ao lar (cuidado da casa, filhos e marido). Este texto traz aspectos significativos para este estudo, por tratar da desigualdade sofrida pelas mulheres sobre as questões salarial, assédio sexual, desigualdade de gênero.

O estudo foi realizado com treze treinadoras brasileiras que atuam no âmbito estadual, nacional e internacional, em que responderem um formulário, identificando que: há uma apropriação majoritariamente masculina dos cargos de treinador esportivo, abrangendo as ideias de ausência de outras mulheres e de predomínio de homens no campo esportivo; o preconceito, envolvendo aspectos como manifestações discriminatórias, dúvida quanto à competência das treinadoras e estereótipos; o conflito da vida pessoal versus a vida profissional, envolvendo situações experimentadas pelas mulheres com relação às exigências impostas pela carreira e pela vida pessoal; e, por fim, mencionaram a baixa remuneração, reunindo aspectos como a necessidade de ter mais de um emprego e a insatisfação com o baixo salário (Ferreira *et al*, 2017).

**Quadro 2.** Informações referentes ao título e ano do artigo e sobre a entrada e a permanência em cargos de liderança no voleibol profissional.

| <b>Título/Ano</b>                                                                  | <b>Sobre a Entrada</b>                                                                                                                                                                                                                             | <b>Sobre a Permanência</b>                                                                                              |
|------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Representações de gênero no voleibol brasileiro: a imagem do teto de vidro. (2012) | Nessa revista foi realizada entrevista com quatro técnicas e cinco técnicos, em que algumas técnicas dizem que o que garante a vaga de um homem técnico não garante de uma mulher técnica, que elas precisam ir além daquilo que é cobrado para os | Descreve sobre as barreiras e oportunidades que as técnicas de voleibol no alto rendimento encontram em suas carreiras. |

|                                                                                  |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
|----------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                                                                  | homens, ou seja, que há uma cobrança muito diferente.                                                                                                                                                                                                                                                                                   |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| Inserção e permanência de mulheres como treinadoras esportivas no Brasil. (2015) | Ter um tutor é um ponto essencial para a entrada. Algumas treinadoras citam que por ser mulher precisam de mais preparação para enfrentar todas as situações. Desconfiam de suas competências e se veem na necessidade de provar o tempo todo que são capazes.                                                                          | Ser ex-atleta facilita um pouco, pois a partir disso se tem um pouco mais de respeito. Usam o estereótipo de mãe para cativar os atletas, mas também ao mesmo tempo elas precisam de ter um pulso forte para o comando da equipe.                                                                                                                                                                      |
| As barreiras enfrentadas por treinadoras brasileiras. (2017).                    | O texto traz como era a divisão do trabalho na década de 1940, momento em que às mulheres eram destinadas tarefas tidas como menos especializadas e aos homens eram atribuídos os cargos de chefia, pensando que o trabalho da mulher teria que ser algo que a não prejudicasse na dedicação ao lar (cuidado da casa, filhos e marido). | Traz as dúvidas quanto à competência das treinadoras e estereótipos; o conflito da vida pessoal versus a vida profissional, envolvendo situações experimentadas pelas mulheres com relação às exigências impostas pela carreira e pela vida pessoal; e, por fim, mencionaram a baixa remuneração, reunindo aspectos como a necessidade de ter mais de um emprego e a insatisfação com o baixo salário. |

O quadro 2 foi produzido para facilitar a visualização dos três estudos que tratam sobre como as mulheres fazem para ocupar o cargo de técnicas no voleibol profissional e para permanecer nele, auxiliando a compreender o que a área vem produzindo sobre as mulheres no voleibol. O primeiro artigo encontrado, intitulado *As Mulheres em Modalidades Esportivas Coletivas: Um Panorama dos Cargos Técnicos e de Gestão nas Confederações Brasileiras (2021)*, trata de uma pesquisa que identificava a atuação de mulheres em cargos técnicos. Chegaram à conclusão que de 110 posições nas comissões técnicas, somente 23 são ocupadas por mulheres (20 %). Nas modalidades Basquetebol, Futebol, Handebol, Polo Aquático, Rúgbi, Voleibol e Vôlei de Praia, possui 43 cargos na comissão técnica e deles apenas 13 são mulheres. O texto também fez uma comparação com a atuação de homens como técnicos em esportes femininos e mulheres em esportes masculinos, indicando que em 47 cargos as mulheres ocupam 4. Os homens estão presentes tanto nos times masculinos quanto nos times femininos. O texto cita sobre a comissão técnica do voleibol que é formada por 9 cargos e nenhum deles são ocupados por mulheres.

Já no estudo de Ferreira et al. (2013), ao analisarem 259 federações esportivas, encontraram apenas 7% de mulheres ocupando os cargos de treinadora. Os motivos que podem

explicar essa baixa participação das mulheres nas comissões técnicas, podem ser desde o preconceito, conflito entre vida pessoal e profissional, a baixa remuneração quando comparados com profissionais homens, a apropriação majoritária dos cargos pelos homens, assim como a falta de oportunidades para se inserir neste campo tão masculino.

Um outro texto, intitulado *As representações de gênero nas quadras de voleibol de alto rendimento (2008)*, identificou as representações de gênero que circulam em torno do espaço de comando de equipes de voleibol de alto rendimento no Rio de Janeiro. Foram conduzidas entrevistas centradas no problema, com roteiros semiestruturados, a três técnicos, duas técnicas e uma auxiliar técnica, totalizando seis atores. O texto aponta os motivos dos(as) técnicos(as) atuar no cargo, ter o prazer pelo esporte, ser ex-atleta e o apoio da família, os mais citados. Os técnicos apontam que as dificuldades que tiveram que enfrentar para se manter no cargo, refere-se a estruturas precárias administrativas. Já as mulheres citam o medo que tiveram de enfrentar e vencer para continuar no cargo. Uma das entrevistas, fala que o preconceito que sempre irá enfrentar, visto que essa área sempre foi pensada e ocupada por homens. Uma outra entrevistada, cita que quando começou a ser técnica perguntaram se ela tinha certeza, porque em alguns momentos ela teria que deixar de ser mulher para ser um pouco homem.

Um terceiro texto encontrado, *Mulheres em cargos de liderança no esporte: rompendo o teto de vidro ou percorrendo o labirinto? (2021)*, traz que nacionalmente as mulheres representam apenas 7% das treinadoras de equipes que disputam campeonatos de alto rendimento (Ferreira *et al.*, 2013) e que a baixa inserção também se estende aos cargos de comissão técnica, sendo que mulheres representam menos de 20% de profissionais que atuam como auxiliares e na preparação física de equipes nacionais de futebol (Passero *et al.*, 2020).

Outro texto refere-se a reportagem intitulada *Muito além das quadras (2020)*, em que traz sobre a primeira vez que uma mulher atuou como técnica na Superliga de voleibol, na edição 2014/2015, dirigida por Sandra Mara Leão, no time Uniara de Araraquara. Nesse mesmo ano o Uniara rebaixou e nunca mais teve uma técnica na Superliga.

Dentre as 25 principais seleções do mundo, no masculino não há nenhuma treinadora, enquanto o feminino tem apenas duas, Lang Ping, da China e Kumi Nakada, do Japão. Quanto as comissões técnicas, chegamos aos seguintes percentuais: 8 % das técnicas entre as principais seleções do mundo são mulheres, 28% são presidentes/gerentes de uma federação nacional, 0% são assistentes técnicas, 11% médicas e 29% fisioterapeutas. Apenas a seleção do Azerbaijão tem a maioria feminina com 3 de 5.

A reportagem ainda cita os preconceitos sofridos por algumas arbitras, simplesmente por serem mulheres. Uma delas fala que esse tipo de situação já se tornou normal e nunca tem

punição e cita de quando foi agredida por um jogador que apontou o dedo em sua cara e ela não podia fazer nada por estar no ambiente de trabalho, ninguém foi até eles para tirar o jogador de cima dela e a defender. E a falta de oportunidade de se atuar nos bastidores, em cargos de liderança no meio do voleibol.

## **Considerações Finais**

Este estudo teve como conhecer o que as produções publicizadas em periódicos da Educação Física, com Qualis CAPES (A2-B3, no quadriênio 2013-2016), trazem sobre as mulheres em cargos de liderança no voleibol profissional. Identificar, mapear e interpretar os trabalhos publicizados em periódicos da Educação Física, que tratam sobre a participação e os desafios enfrentados pelas mulheres em cargos de liderança no voleibol profissional, por meio dos estudos de gênero.

Realizei buscas em periódicos da Educação Física, mapeando os trabalhos publicizados nas revistas. Das produções encontradas apenas 3 tratam sobre as mulheres em cargos técnicos, alguns estudos que tratam sobre o porquê de as mulheres não conseguir atuar nesses cargos, muitas citam que precisam de tutor para conseguir e sua contratação e quando estão atuando nesses cargos elas não são levadas a sério. Percebemos também a desigualdade de gênero que está presente nesse meio, onde as mulheres precisam ter mais conhecimento e estudos que os homens para atuarem no mesmo cargo.

Esses estudos e reflexões encontrados agregou na minha formação como professora, fazendo com que eu perceba que a mulher muitas vezes precisa estudar mais que os homens para ocupar o mesmo cargo e talvez futura técnica acredito que o estudo tem total importância na minha vida, para que eu entenda que a nossa luta como mulheres nunca irá parar. Sendo uma mulher e atual jogadora de vôlei, apesar de não ser profissional, percebo que a falta de mulheres nesses cargos é muito permanente, onde elas não conseguem atuar na linha de frente.

Espero que o estudo realizado auxilie muitas pessoas na luta das mulheres para conseguir ocupar todos os lugares que quiserem. As mulheres estão sempre procurando ocupar os cargos de técnicas apesar das resistências por elas encontradas, entre elas, preconceito de gênero, pessoas que duvidam de sua capacidade simplesmente por ser mulher e algumas que precisam de uma maior especialização que os homens para ocupar o mesmo cargo em que eles estão.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Gustavo. **Muito além das quadras**. To fly volleyball, 2020. Disponível em: <https://www.toflyvolleyball.com/2020/05/muito-alem-das-quadras.html>. Acesso em: 15, set, 2023.

ALMEIDA, Rovilson De; FREITAS, William Douglas de. **Sob comando deles**: as barreiras para mulheres técnicas nas equipes olímpicas brasileiras. 2020. v.22. Mestrando em banco de dados e Recuperação da Informação-Universidade de São Paulo. 2020.

AMARAL, Cacilda; BERNARDES, Julia; SILVA, Raquel; DIAS, Sara. As mulheres em modalidades esportivas coletivas: um panorama dos cargos técnicos e de gestão nas confederações brasileiras. **Universo**, v.11, p. 1-11, set, 2021. Disponível em: <http://www.revista.universo.edu.br/index.php?journal=gestaoesportiva&page=article&op=view&path%5B%5D=9113&path%5B%5D=4456>. Acesso em: 15, set, 2021.

BARREIRA, Júlia. Mulheres em cargos de liderança no esporte: rompendo o teto de vidro ou percorrendo o labirinto?. **Movimento**, Campinas, v.27, p.1-16, dez, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/118131/65845>. Acesso em: 15, set, 2023.

CONNELL, Robert. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis, 1995.

DENTIL/PRAIA CLUBE. **Praia**, 2023. Disponível em: <https://praiaclube.org.br/dentilpraia-clube/>. Acesso em: 12, maio de 2023.

FERREIRA, Heidi Jancer; ANJOS, Luiza Aguiar dos; DRIGO, Alexandre Janotta; MOURÃO, Ludmila Nunes; SALLES, José Geraldo do Carmo. As barreiras enfrentadas por treinadoras brasileiras. **Revista Brasileira de Educação Física e esporte**, São Paulo, v.31 N.2, p.479-488, abr-jun, 2017.

GOELLNER, Silvana. Mulheres e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a Prática**. v8 n.1, p.85-100, jan/jun 2005. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/106/101>. Acesso em: 15, set, 2021.

LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis, p. 14-36, 1997. Disponível em: [https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/direitos-dasmulheres/artigostesesdissertacoes/questoes\\_de\\_genero/guacira\\_lopes\\_genero\\_26\\_ago\\_15.pdf](https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/direitos-dasmulheres/artigostesesdissertacoes/questoes_de_genero/guacira_lopes_genero_26_ago_15.pdf). Acesso em: 9, nov, 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu (orgs). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Editora Vozes, Petrópolis, p.7-67, 2002. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 9, nov, 2023.

OLIVEIRA, Gabriela. Aragão. Souza. Representações sociais de mulheres técnicas sobre o comando de equipes esportivas de alto nível. **Dissertação** (Mestrado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro: UGF, 2002.

PFISTER, Gertrud. Líderes femininas em organizações esportivas – tendências mundiais. **Movimento**, Instituto de ciências do exercício e do esporte, v.9, n.2, p.11-35, mai.-ago. 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2802/1420> . Acesso em: 9, nov, 2023.

ROMARIZ, Sandra. **As representações de gênero nas quadras de voleibol de alto rendimento**. 2008, p. 1-7, Florianópolis, 2008. Disponível em: [http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/fg8/sts/ST43/Sandra Bellas de Romariz 43.pdf](http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/fg8/sts/ST43/Sandra_Bellas_de_Romariz_43.pdf). Acesso em: 15, set, 2023.

ROMARIZ, Sandra. Bellas; VOTRE, Sebastião. Josué; MOURÃO, Ludmila. Representações de gênero no voleibol brasileiro: a imagem do teto de vidro. **Movimento**, Juiz de Fora, v. 18, n. 4, p. 219–237, out/dez, 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/32657/23456>. Acesso em: 9, nov, 2023.

SILVA, Leandro Amâncio. JACÓ, Juliana Fagundes. KRAHENBUHL, Tathiane. As (não) convocações de mulheres para cargos de liderança nas comissões técnicas no handebol brasileiro nos anos de 2014-2020. **Pensar a Prática**, Goiás, v.24, jun, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/65760/36819>. Acesso em: 9, nov, 2023.